

atlas de **RELACÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 8

GROENLÂNDIA: SUA POSIÇÃO NO ÁRTICO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geral. 2 — Descoberta e Ocupação. 3 — O interesse Científico. 4 — Importância Estratégica. 5 — Situação Político-Econômica 2

O MUNDO ANTILHANO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Características Fisiográficas. 2 — Aspectos Humanos e Econômicos. 3 — Situação Política 7

O LUXEMBURGO ATUAL

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Condições Geopolíticas. 2 — Evolução Histórica. 3 — O chamado "Affaire de Luxembourg". 4 — Industrialização. 5 — O Benelux o C.E.C.A. 14

A GUINÉ E A ÁFRICA OCIDENTAL

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Aspectos Geofísicos. 2 — O Estágio Colonial. 3 — O Referendum de 1958. 4 — Vida Econômica. 5 — Relações Internacionais 19

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
ANO 30 — N.º 4

GROENLÂNDIA: SUA POSIÇÃO NO ÁRTICO

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG.

1 — Aspecto Geral

O *Oceano Glacial Ártico* ocupa uma superfície de 13.000.000 km², banhando as costas de três grandes países — *Estados Unidos* (através do *Alaska*), *Canadá* e *Rússia*. Nêle, com seu aspecto de branca linha de gelo coroando alguns montes rochosos, a *Groenlândia*, cujo nome significa — “terra verde”, apresenta, principalmente no mês de julho, em certas partes da costa, uma espécie de tapete verde (musgos e líquens) sucedendo ao rápido degelo. No mais, 3/4 partes de sua superfície estão ocupadas por uma calota de gelo que os escandinavos chamaram “inlandsis”, significando — gelo do interior do continente.

Dêste “inlandsis” destacam-se os “icebergs”, grandes montanhas de gelo que, atingindo o mar, passam a flutuar, ameaçando em vários pontos a navegação no Atlântico Norte. O desastre com o navio *Titanic* (1912) foi causado por um choque com um “iceberg”. Hoje, graças ao radar dos *Ice Patrol*, o perigo foi afastado, já que os “icebergs” são localizados a grande distância.

A *Groenlândia* é a maior ilha do mundo, com uma superfície de ... 2.180.000 km²; é pouco menor que nossas regiões centro-oeste e nordeste reunidas (2.845.107 km²) e 60 vezes maior que a sua própria metrópole, a *Dinamarca*.

É depois da *Antártica*, a maior extensão de terras contínuas gelada do globo; segundo observações de Paul Emile Victor que, à frente de expedições francesas tem se dedicado ao estudo da região, a *Groenlândia* possui cerca de 2.700.000 km cúbicos de gelo que, se viessem a se fundir elevariam de 6 a 8 metros o nível geral dos mares.

2 — Descoberta e Ocupação

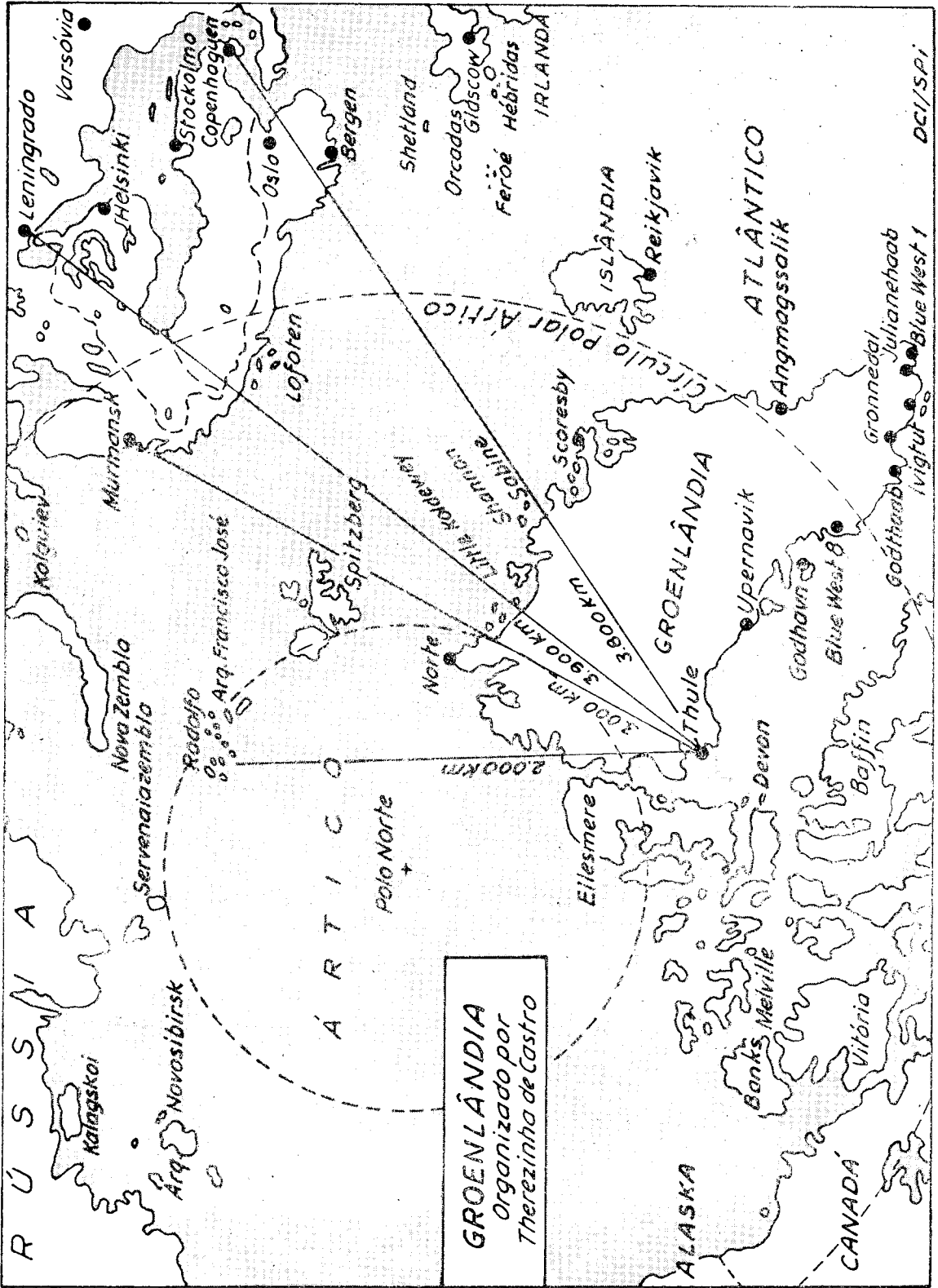
As “Sagas”, cantos épicos dos vikings encontradas na *Península Escandinava*, nos revelam toda a arte náutica dêste povo. Contam as “Sagas” que os vikings, com seus “drakkar” (serpentes), embarcações de 20 a 30 metros de comprimento, viajavam pelo

oceano *Glacial Ártico*, aproveitando a brisa fresca do noroeste, em direção ao sol poente, ou seja, *América*. Tais embarcações transportavam em média 32 remadores para o trabalho nas horas de calmaria e 90 homens de equipagem. O drakkar do rei Olavo, o Santo, chegou mesmo a transportar 200 soldados. Portanto, os vikings realizaram, na Idade Média, grande epopéia marítima, indo dos “fjords” da *Noruega* até as costas da *América*.

Suas viagens mais conhecidas começaram a se realizar por volta de 725, quando estabeleceram pontos de escala nas ilhas *Shetland*, *Orcadas*, *Hébridas*, *Feróe* e *Irlanda*, onde se estabeleceram em centros de pesca. Em 860 atingiam a *Islândia*, sendo Floki Rafr seu provável descobridor. Daí chegava a *Groenlândia* (981) sob o comando de Erik o Vermelho; desta ilha sairia Bjarri, o primeiro viking a avistar terras americanas. Assim, graças as pedras de vau da *Islândia* e costa sul acessível da *Groenlândia*, os vikings descobriram a *América* antes de *Cristóvão Colombo*.

Sem o conhecimento da bússola, viajando por mares tão perigosos, os vikings descreveram verdadeira epopéia, se atentarmos para as distâncias e duração dos roteiros por eles anotados. De *Bergen*, na *Noruega*, à costa oriental da *Islândia*, tem-se cerca de 1.000 km, que os vikings faziam em 7 dias de viagem; do oeste da *Islândia* ao sudoeste da *Groenlândia*, de onde os vikings ocuparam o norte através de *Obygdir*, *Westribygd* (atual *Godthaab*), para ultrapassarem o círculo polar Ártico, estabelecendo-se em *Kingigtorsnak*, local onde foram encontradas inscrições rúnicas; para o sul, a expansão se limitou a *Garbas* (atual *Julianashaab*).

Viveram politicamente sob autêntico regime feudal e, jamais o rei da *Noruega*, com o qual mantinham contacto, tentou impor sua soberania a êsses altos barões groenlandeses. Assim, cada um dêsses estabelecimentos viveria isoladamente sob o predomínio de um clã, perto da costa, em função da pesca e, nas proximidades do terreno onde a caça era mais abundante. Como não se isolaram da terra de origem, os



GROENLÂNDIA
 Organizado por
 Therezinha de Castro

vikings da Groenlândia enviaram todos os anos expedições a Noruega, com a qual comerciavam e mantinham os contactos necessários.

No ano 1000, *Leif* filho de Erik o Vermelho, seguindo a rota de Bjaini navegava novamente para a América. De volta, expôs ao pai seus planos de integrar o nôvo continente na órbita geográfica dos escandinavos, a exemplo do que fôra feito na Groenlândia. Mas Erik o Vermelho prefere mandá-lo antes à Noruega, onde o rei Olavo acabava de se converter ao *cristianismo*. Também convertido e batizado, Leif voltou para a Groenlândia levando consigo, *Hypócrito*, o padre romano que introduziria o nôvo credo na ilha.

Em 1001 partia Leif para dar início a colonização da América. Dos territórios que visitou — Hellulândia (terras planas) local provável da península do Labrador, Marklândia (terra das florestas) certamente as terras do paralelo 52º, já que constituem o limite norte da floresta americana, preferiu a Vinlândia (terra do vinho) ao sul do paralelo 47º, onde fundou Leifsbudir.

Mas, morrendo seu pai, teve que retornar à Groenlândia para assumir a chefia do clã. Aí tornou-se propagandista ativo da colonização em Vinlândia, entusiasmando seu irmão *Thorwald*. Essa colonização iria só até o século XIII, quando os vikings entraram em *contacto com os esquimós*; o desaparecimento das colônias vikings na América é explicado pela série de campanhas vitoriosas dos esquimós. Estes estavam iniciando sua expansão ao longo da costa e ilhas americanas.

Quando *João Vaz Corte Real*, navegador português, donatário da Capitania de Angra, nos Açores, aportou na terra dos bacalhaus, atual ilha da Terra Nova, em 1463, já os vikings haviam desaparecido também da Groenlândia.

Vários fatores explicam o fim desta colonização viking. A partir de 1378, as relações entre a Groenlândia e Noruega são rompidas. Esta passava para o domínio da Dinamarca que, tentou sem sucesso, através de seu navegador *Magnus Heisen* se apoderar da Groenlândia. Ainda neste século XIV a "peste negra" havia atingido a Groenlândia, dizimando grande número de vikings; os poucos sobreviventes não puderam deter a *invasão esquimó*. Uma vez dominados, foram assimilados; daí o explorador inglês *Stefasson* haver encontrado na Groenlândia tribos esquimós de tez branca.

Assim, o século XV marcaria o esplendor da expansão esquimó no Ár-

tico, a chegada dos portugueses como navegadores a êsses mares do norte, como também o fim das colônias vikings na Groenlândia.

3 — O Interêsse Científico

As grandes navegações que levariam os ibéricos à procura de um caminho marítimo para as Índias, desviaram as atenções do Ártico. Com a redescoberta da América por Colombo, a Groenlândia tornar-se-ia um simples ponto de escala na busca que se fazia de uma ligação Atlântico Pacífico, pelo norte do Nôvo Continente. Descoberta a *passagem do Noroeste* por Mac Clure (1849-53), o Ártico passou a ser alvo de *explorações científicas* mais intensas. Assim, no século XIX, foi visitado por geógrafos, geólogos, glaciólogos e etnólogos, que ainda hoje não abandonaram vasto mundo de estudos. Têm sido de grande interêsse as pesquisas de Nansen, Sveridrup, Wegner e, mais recentemente, de Paul Emile Victor.

As explorações científicas levaram a *partilha das terras Árticas*. Nesta conjuntura, predominaria o princípio estabelecido pelo senador canadense *Pascal Poirier* de que a divisão das terras deveria tomar por base a *defrontação*. Dentro dêste princípio, a Groenlândia que se defronta com o território dinamarquês, passaria ao domínio dêste país.

4 — Importância Estratégica

A importância estratégica da Groenlândia seria ressaltada em pleno século XX, no início da 2.ª Grande Guerra. Esta ilha mostraria então a sua *posição privilegiada*, mas no sentido inverso da rota marítima dos vikings.

A ocupação da Dinamarca pelos alemães levaria os Estados Unidos a se preocuparem com Ivigtut, na costa sudoeste da Groenlândia, zona imprescindível aos aliados, graças ao seu fornecimento de alumínio. Surgia, assim, um acôrdo entre o ministro dinamarquês *Kauffmann* e o governo estadunidense a 9 de abril de 1941; por êle ficavam os *Estados Unidos autorizados a defender a Groenlândia* e nela estabelecer bases militares. Esta é a origem das *bases de Ivigtut, Gronnedal, Igaliko, Upernavik* (no oeste), *Ikatek e Scoresby* (no leste).

No entanto, os alemães também não perdiam tempo e se instalavam nas *ilhas Sabine, Shannon e Little Koldewey*. Iniciava-se uma "guerra metereológica" de capital importância.

Graças as observações que fizeram no Ártico, os alemães puderam calcular o período de tempo nublado, durante o qual forçaram o Passo de Calais com sua esquadra de Brest. Por isso, a 25 de maio de 1943 aviões dos Estados Unidos, partindo da Islândia, foram bombardear essas posições alemãs no Ártico, ocupando-as em seguida. Estes mesmos postos de observação permitiriam aos aliados a previsão do tempo ideal para o desembarque na Normandia.

Embora terminada a guerra, o acôrdo Kauffmann deveria continuar em vigor, já que os Estados Unidos, tendo que enfrentar a Rússia, temiam pela segurança do continente americano. No entanto, a Rússia, que ocupava a ilha dinamarquesa de Bornholm no Báltico, imporia como condição principal a sua evacuação, que os Estados Unidos fizessem o mesmo na Groenlândia. Por isso, os *Estados Unidos entregavam essas bases aos dinamarqueses*, que ficavam encarregados de assegurar o seu pleno funcionamento no quadro geral da O.A.C.I. (Organização da Aviação Civil Internacional).

Os constantes atritos da “guerra fria” levariam os Estados Unidos a procurar *comprar a Groenlândia*, repetindo o que o Secretário de Estado Seward fizera com o Alaska em 1867. Não tendo conseguido, idealizaram o Pacto do Atlântico Norte. Nesta Aliança, a Groenlândia tornaria a sua metrópole Dinamarca, *importante peça da OTAN*; tal as palavras do Senador Vandenberg: “sem a Groenlândia o Pacto do Atlântico perderia o seu valor”.

A sempre crescente *evolução dos transportes aéreos* deu a Groenlândia grande importância na conjuntura geopolítica atual. Ela passou a representar o *ponto de apoio* na aproximação aérea, entre a América — Europa Ocidental — Japão; transformou-se no *bastião antiaéreo avançado* da América face a Eurásia.

Após entrar a OTAN, embora sofrendo pressão no sentido inverso por parte da Rússia, a Dinamarca concordou em assinar o *acôrdo de 27 de abril de 1951* com os Estados Unidos. Por êste acôrdo, invocando questões de defesa mútua, a marinha dinamarquesa permitiu o estabelecimento de bases estadunidenses na Groenlândia — a *Blue West 1* e a *Blue West 8*.

A *posição excepcional de Thule* levariam, ainda, os Estados Unidos a equipá-la tão cuidadosamente, que esta se transformaria numa espécie de

plataforma giratória aeropolar; isto porque todos os *grandes centros industriais da Ásia, Europa e América do Norte* estão a menos de 5.000 km dêste local. Por outro lado, os Estados Unidos instalariam uma outra base, a denominada *Norte* — no nordeste da Groenlândia, distando 500 km do arquipélago russo de Spitzberg e 1.000 km da base soviética instalada na ilha Rodolfo, no arquipélago Francisco José.

Dêste modo, o escudo de gelo formado pela Groenlândia, adquiriu grande importância geopolítica como *base de alerta, intercepção e partida* em qualquer emergência que ponha em perigo a defesa do Ocidente.

O oceano Glacial Ártico *reúne as condições de um mar Mediterrâneo*; isto porque o continente europeu, asiático do norte e norte-americano se encontram distribuídos ao seu redor, à semelhança da África, Europa e Ásia no Mediterrâneo. A metade do mundo, já que o hemisfério norte é mais terrestre do que oceânico, encontra-se ao norte da linha equatorial; assim as *capitais das grandes potências*, com exceção da China, se encontram mais próximas do círculo polar ártico do que do equador. Dêste modo, na idade aérea que atravessamos, o Ártico vem-se constituindo, cada vez mais, num *centro de poderio mundial*. Neste quadro geopolítico a Groenlândia tornou-se importante por sua posição no Ártico.

5 — Situação Político-Econômica

A *Constituição de 1953* deu a Groenlândia posição política de igualdade para com as demais partes do Reino da Dinamarca; graças a isso conta hoje com 2 representantes no Parlamento Dinamarquês (Folketing).

Em dezembro de 1960 sua *população* era de 33.140 habitantes; dêstes, a maioria se estabelece no oeste (30.109) onde o clima é menos rigoroso, apresentando o leste apenas 2.471 e, na base estratégica de Thule 560 pessoas. A capital da ilha, *Godthaab* possui 2.531 habitantes.

Em 1919 foi fundada a *Companhia Dinamarquesa da Groenlândia*, com a finalidade de explorar-lhe as riquezas. Seu subsolo encerra depósitos de chumbo, zinco e tungstênio, sendo a Groenlândia a *única região exportadora de criolita*, cujos maiores depósitos estão em Ivigtut. Seu comércio exterior baseia-se, sobretudo, na *produção pesqueira*; exportando-se, daí peixe salgado e congelado, além do óleo de baleia.

PRINCIPAIS ARQUIPÉLAGOS DO ÁRTICO

UNIDADE	ILHAS	SITUAÇÃO POLÍTICA
Arquipélago Canadense 1 300 000 km ²	Baffin, Vitória, Ellesmere, Banks, Devon, Melville, Príncipe de Gales, Southampton, Sommerset, os grupos Parry, Rainha Elizabeth, Sverdrup e várias ilhas menores	CANADÁ
Arquipélago Spitzberg ou Svalbard 62 742km ²	Spitzberg Ocidental, Terra do Nordeste, Edge e Barentz	NORUEGA
Arquipélago de Francisco José ou de Fridtjof Nansen 20 720km ²	Aleksandra, George, Wilczek, Graham Bell, Rodolfo e 70 ilhas menores	RÚSSIA
Arquipélago de Nova Zembla 93 240km ²	ormada por um conjunto de duas grandes ilhas e várias menores	RÚSSIA
Arquipélago de Severnaia — Zembla... 37 000km ²	Bolshevik, Komsomolets, Revolução de Outubro e várias ilhotas	RÚSSIA
Arquipélago da Nova Sibéria ou Novosibirsk 93 240km ²	Koiteny, Faddeevski, Nova Sibéria, Kalagski e grupo Lyakof	RÚSSIA
Ilha	Groenlândia (2 180 000km ²)	DINAMARCA

O MUNDO ANTILHANO

Therezinha de Castro
Geógrafa do IBG

1 — Características Fisiográficas

O termo "Antília" é encontrado no grego Aristóteles, quando êste narra a descoberta de uma ilha fantástica, em viagem feita pelos cartagineses para o ocaso. A palavra aparece também nos mapas do século XIV designando essas mesmas ilhas citadas pelos geógrafos clássicos e cartógrafos medievais, posteriores a Marco Polo que, as situavam no Atlântico, entre Lisboa e Cipango (Japão). Hoje, não como Antília mas *Antilhas*, a palavra serve para designar um mar que banha o leste central da América, abrangendo, na parte norte, o golfo do México até o sul, onde encontra a parte setentrional do continente Sul-Americano.

A característica principal dêste *mar das Antilhas ou das Caraíbas* (lembrando uma das tribos locais) como também é conhecido, é a grande quantidade de *ilhas e arquipélagos* que o constitui (vide quadro n.º 1).

Quando os espanhóis aí chegaram, guiados por Cristóvão Colombo (1492), o redescobridor do continente, deram a êsse conjunto de ilhas o nome de *Índias Ocidentais*, já que sua meta era as Índias ou, segundo outros, pelo fato de terem encontrado aí grandes riquezas. O arquipélago das Antilhas ou das Índias Ocidentais forma, assim, *uma grande barreira estendida entre as Américas do Norte e Sul*, separando o mar das Antilhas do oceano Atlântico. Foi destas ilhas que os espanhóis iniciaram a colonização do continente — para o norte, através do México e, para o sul, com a ocupação do Peru. As Antilhas proporcionaram aos espanhóis os *pontos de relações entre as Américas do Norte e Sul*, à semelhança do que já faziam antes dêles os aruaques e caribes, nativos das ilhas. Por outro lado, o desejo de encontrar uma passagem que ligasse o Atlântico ao Pacífico, levaria os espanhóis à explo-

ração do istmo que une as Américas do Norte e Sul; no século XIX a *posição central dêsse mar* iria adquirir maior importância, com a *abertura do canal do Panamá*.*

As ilhas do Caribe constituem, na realidade, *picos emersos dos dobramentos* que rodeiam a *grande fossa do mar das Antilhas*. O solo da região oferece provas evidentes de remotas *atividades vulcânicas*. Se nas Grandes Antilhas o vulcanismo está em face de extinção absoluta, o mesmo não sucede na zona das Pequenas Antilhas; os vulcões antilhanos desta última área são do tipo explosivo, lançando em vez das lavas fundidas, cinzas e gases mortíferos, como ocorreu em 1902 com o *Mont Pelé, na Martinica*, que destruiu, em poucos segundos, a cidade de Saint Pierre com seus 30.000 habitantes.

Se a zona vulcânica se restringe a uma área pequena, o mesmo não sucede com a *zona sísmica*; assim, a área dos terremotos se alinha por toda a direção das grandes fossas submarinas, correspondendo aos dobramentos orogênicos das Pequenas às Grandes Antilhas. Por isso, poucas são as ilhas locais que deixaram de sentir os efeitos catastróficos dos tremores de terra.

É na região das Antilhas que se formam as *áreas ciclônicas* que, após varrer essas ilhas com ventos de até 250 km/hora se deslocam para o sul dos Estados Unidos.

O *clima antilhano* é, de um modo geral, quente. A temperatura média ao nível do mar é de 26º; as máximas oscilam de 30º e as mínimas entre 10º e 12º. A pequena variação entre os meses mais quentes e mais frios é explicada pelo fato das Antilhas se encontrarem no *ponto de convergência das correntes norte e sul equatorial*. O *fenômeno pluviométrico* é mais va-

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 7.

riado já que a quantidade de chuvas vai aumentando das costas orientais para a zona dos altos picos. Essa distribuição explica a existência de *paisagens semidesértica e savanas pedregosas* na Martinica, ao lado da *floresta subequatorial* de Guadalupe.

2 — Aspectos Humanos e Econômicos

Quando a América foi redescoberta, as Antilhas eram habitadas por dois grupos indígenas principais — os *aruaques* ao norte, nas Grandes Antilhas, e os *caribes ou caraíbas* ao sul, nas Pequenas Antilhas. Apesar de tradicionais inimigos, havia entre esses grupos afinidades culturais, linguísticas e raciais. Os caraíbas eram navegadores, pescadores e, sobretudo, guerreiros; causaram grande terror e suas constantes vitórias deram ao mar, onde exerciam verdadeira pirataria o nome de sua tribo.

A presença dos espanhóis transformaria a região num verdadeiro *mosaico étnico*, já que a vista de flibusteiros e bucaneiros (piratas estrangeiros), que tinham seu ponto de repouso na ilha Tortuga, ao norte do Haiti, atrairia a atenção dos ingleses, franceses, holandeses e até mesmo dinamarqueses que, repartiram entre si os vários arquipélagos antilhanos.

Para a colonização, os europeus tiveram a necessidade de introduzir *negros africanos* nesta área. A proporção de escravos variou de local para local. Assim, na ilha de S. Domingos, a parte espanhola hoje transformada na República Dominicana * a proporção entre negros e brancos foi mais equilibrada, já que numa estatística de 1794 encontram-se registrados cerca de 35.000 brancos para 30.000 escravos. A sua vizinha, de colonização francesa, a atual República do Haiti apresentava, na mesma época, para 30.800 brancos, cerca de 465.400 negros.

A supressão do tráfico africano, do qual a Inglaterra tornar-se-ia a paladina, principalmente depois do Congresso de Viena (1815), seguida pela libertação dos escravos nestas ilhas, levaram os europeus a introduzirem *indus assalariados* no trabalho do campo. Vieram, então, os dravidianos do

Dekan, especialmente para as ilhas francesas, como também para as ilhas de colonização inglesa entre as quais Trinidad.

A *agricultura* dirigida pelos colonizadores europeus passou a se processar visando dois objetivos. A *agricultura de subsistência* para a alimentação dos habitantes e a chamada *agricultura industrial ou de exportação*, destinada ao comércio exterior. Tal situação persiste ainda hoje, muito embora a banana, que outrora fizera parte das culturas de subsistência, tenha passado para a do quadro de exportação. Entre as principais culturas de subsistência sobressaem a da mandioca, inhame, couve de diferentes tipos (da China, branca, inglesa, milanesa etc.) e amendoim, já conhecidas dos indígenas; como também as introduzidas pelos colonizadores — batata, arroz, abacate, manga e banana. Entre as culturas industriais ou de exportação sobressaem-se com certa unidade nas Antilhas em primeiro lugar o açúcar, seguido pelo café; seguem ainda a banana, cacau, ananás, algodão, fumo e baunilha.

No setor da *pecuária* a criação do cavalo, tão usado pelo camponês antilhano, ocupou logo lugar de destaque; segue-se a criação de muares, tão úteis no transporte das mercadorias, que se deslocam para as trocas internas nas diferentes feiras; a criação de bovinos só aparece com certo destaque nas ilhas de Porto Rico, Trinidad e Jamaica.

O arquipélago antilhano no *setor comercial*, constituiu-se num reservatório *exportador de matérias-primas* por excelência. Na produção de açúcar, Cuba ocupa o 3.º lugar no mundo, após o Brasil e Índia. O cacau, café, amendoim e banana dão a República Dominicana papel destacado nas Antilhas, onde se constitui no 1.º produtor local (vide quadro n.º 2).

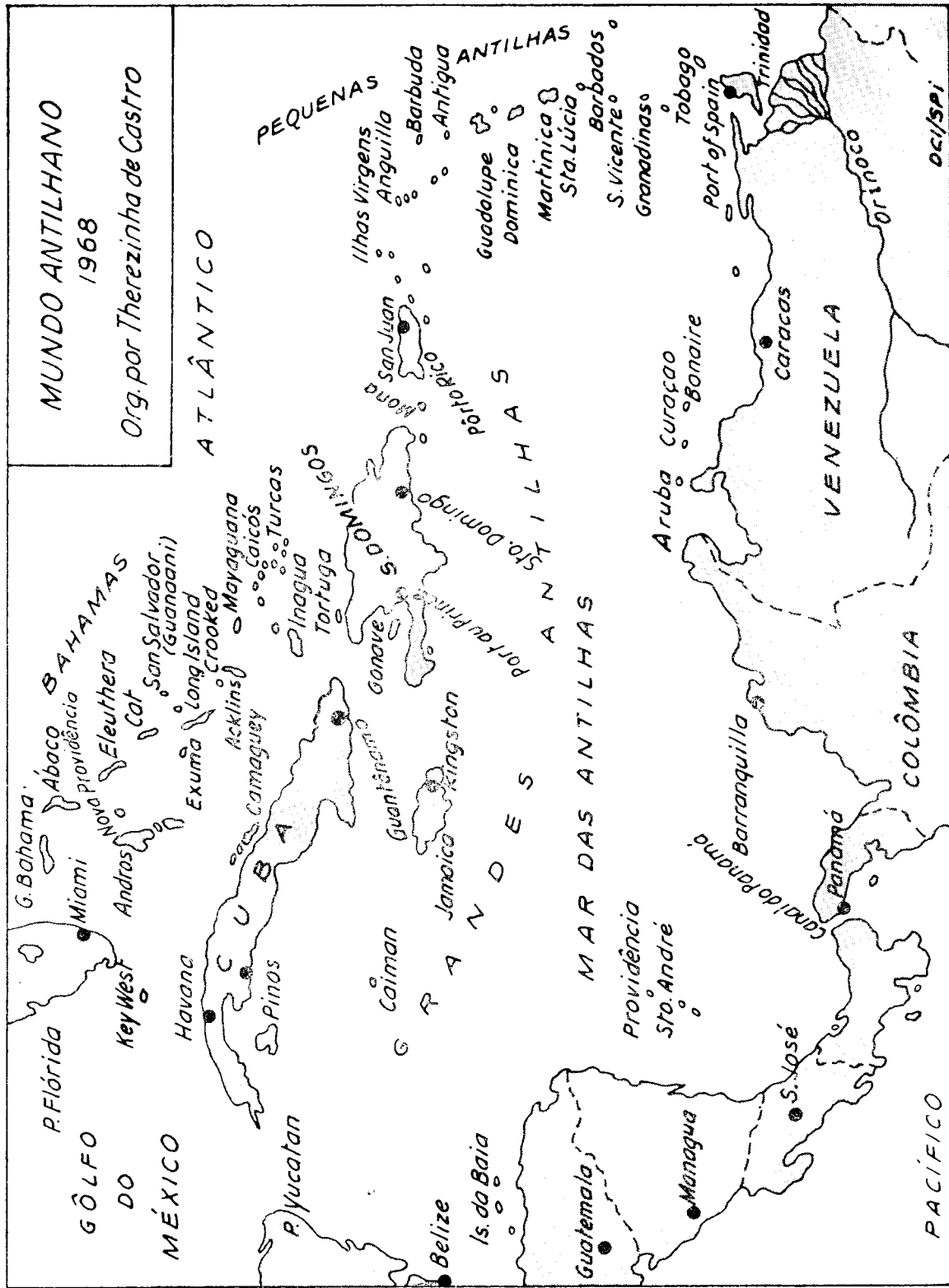
Porém, para maior desenvolvimento econômico da região, tornar-se-á necessário ativar-se mais a *industrialização*, ainda quase inexistente. Várias ilhas produtoras de açúcar não apresentam senão manufaturas tradicionais constituídas por destilarias de rum e bebidas alcoólicas aromatizadas. Os Estados Unidos procuraram, através da Puerto Rico Industrial Development, implantar nesta ilha as chamadas indústrias secundárias, de utilidade pú-

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 2.

MUNDO ANTILHANO

1968

Org. por Therezinha de Castro



A NICARÁGUA E SEU CANAL

DELGADO DE CARVALHO

1 — Feições Ístmicas

Quando, em 1846, na sua prisão, em Ham, o engenheiro militar Luis Napoleão estudava e planejava um canal entre o Atlântico e o Pacífico através da Nicarágua, sonhava com a formação (à custa das colônias espanholas emancipadas, mas, caóticas) de um império latino destinado a enfrentar a expansão dos Estados Unidos. Feito imperador dos franceses, êsse engenheiro militar teve a imprudência de empreender uma guerra para colocar no México um príncipe austríaco. “O Sonho da América Central se tornara sonho do México”, diz Pierre de la Garce (Histoire du Second Empire — tomo IV).

Na realidade, a *América Central* se revelou uma região geográfica predeterminada a concentrar “Geopolíticas” de vários Estados em expansão.

Pela sua situação tropical no continente, êste vastíssimo istmo e suas grinaldas insulares, ligações orográficas dos dois hemisférios americanos, se prestava à ocupação inicial de conquistadores que se vieram expandir para o Norte e para o Sul. Foi, de fato, em *ambas as direções* que se processou a conquista espanhola, para o México de um lado e do outro para o Colômbia.

Êste lance inicial de geopolítica ibérica foi sucedido, mais tarde, por outros quando os interesse das Potências colonizadoras as levaram a cogitar da *ligação direta* entre o Atlântico e o Pacífico. Já a necessidade de semelhante ligação havia sido sentida quando Francisco Pizarro alcançou o Império dos Incas. Só mesmo na segunda parte do século XIX tornou-se premente a solução do problema, finalmente

resolvido no início do século XX, mas não segundo a fórmula de Luis Napoleão.

O que torna a Nicarágua, entre as repúblicas da América Central, o centro de maior interesse internacional é a sua topografia e a sua localização no istmo. Situado entre os dois Oceanos, o seu território tem a superfície do nosso Amapá; é caracterizado pelos seus numerosos *vulcões*, ativos e extintos, que amoldaram a sua estrutura: o Coseguina, o Momolombo, o Omotipe, o San Cristobal são os mais conhecidos, medem mil e tantos metros. Toda a parte ocidental do país, isto é, a mais importante, é um legado das atividades vulcânicas. Em longa fila SE-NO, ergueram estas atividades uma lombada montanhosa que fechou a *primitiva baía de Nicarágua*, encerrando as suas águas marítimas represadas nos *lagos*, hoje de água doce, da Nicarágua e de Manágua. A baía Fonseca é forma costeira destinada ao mesmo processo morfológico de encerramento das águas do mar.

A *costa do Pacífico*, paralela ao relêvo vulcânico, mede 360 km; é quase retilínea, mas forma no norte a pequena baía abrigada do pôrto de *Corinto*. A *costa do Atlântico* é mais extensa e plana, com várias lagoas e deltas fluviais: é a *Costa de Mosquitos*, atravessada pelos numerosos rios oriundos das cordilheiras (Izabel, Dariense, Huapi, Yolaina). Alguns rios como *Rio San Juan* (550 km) e o rio *Segoia* ou *Côco* (790 km) são navegáveis. A feição mais característica do país é apresentada pelos seus lagos: o *lago Nicarágua*, “Mar Dulce” dos conquistadores e o *lago Manágua*; o primeiro cobre mais de 7.000 km², o segundo,

cêrca de 2.000 km²; as profundidades chegam a 60 metros. Os *climas* desta região intertropical variam segundo as altitudes sob a denominação de *tierra caliente*, *tierra templada* e *tierra fria*, sendo esta última formada pelas terras mais elevadas do interior. A maioria da população se localiza nas terras "calientes". As *chuvas* são freqüentes e bem distribuídas; na parte ocidental há uma estação chuvosa e uma estação sêca de dezembro a abril. Um dos principais recursos naturais da Nicarágua é a sua grande *riqueza florestal*, principalmente na vertente atlântica onde predomina a selva tropical. As *matas* cobrem 43% da superfície do país. As zonas mais elevadas oferecem *pastagens* e espécies vegetais de origem européia. A criação da Nicarágua é a mais desenvolvida da América Central.

2 — Condições Econômicas

Estas condições físicas permitem dividir o país nicaraguêense em três regiões principais: as *baixadas ocidentais*, os *planaltos e serras*, e a vertente oriental com a *costa de Mosquitos*. Na primeira destas regiões, entre o litoral e os lagos vive a maior parte da população. A capital, *Manágua*, conta cêrca de 300 mil habitantes, Leon 62.000 e Granada 40.000; ao pé das cordilheiras orientais, *Matagalpa* já ultrapassou os 60 mil. A população é em maior parte mestiça, mas há muitos espanhóis de etnia pura. Na vertente oriental, é mais escasso o povoamento e, entre as chamadas *costeños*, predomina a mestiçagem de índios com negros, lá importados da Jamaica no século XVIII e também com espanhóis e mesmo com ingleses. Nas estatísticas, constam 68% de mestiços, 15% de brancos, 9% de negros e 5% de índios.

Na região ocidental nos vales e nas planícies onduladas prevalece a agricultura tradicional, destacando-se com cêrca de 50% das áreas cultivadas o *milho*, principal fator na alimentação popular como *feijão* e *arroz*. As culturas de *algodão* e de *cana* apresen-

tam fortes quotas de exportação, cabendo a primazia ao algodão (58 milhões de dólares em 1964). O *cacau* foi um recurso do passado que uma praga vegetal destruiu e cuja cultura emigrou para Costa Rica. O *fumo* é também cultivado na região.

Na zona dos planaltos destacam-se dois elementos: o *café*, que lutou pela primazia nas exportações durante muito tempo (21 milhões de dólares em 1964) e o *ouro*, descoberto no fim do século passado nas minas de La Luz, a 90 milhas de Puerto Cabeças.

A vasta região oriental destina-se à *indústria florestal* exportando cedro, mogno, pau-rosa e ipecacuanha.

De 1961 para cá, o desenvolvimento econômico da Nicarágua tem recebido fortes impulsos em tôdas as direções: o *Instituto del Café* e o *Instituto del Fomento Nacional* cuidaram de melhorar a produção da agricultura. O petróleo teve a sua exploração iniciada em 1965. Onze *estações hidrelétricas* trabalharam e o plano de aproveitamento do *Rio Tuma* veio abastecer todo o ocidente-norte (1965). O comércio exterior tem apresentado constante progresso: já em 1964 o valor das exportações dobrava o que tinha sido em 1960, embora sempre ultrapassado pelas importações. A entrada de Nicarágua no Acôrdo de Manágua, em 1960, para fazer parte da ODECA (Organização dos Estados da América Central) contribuiu para o desenvolvimento comercial do país com seus vizinhos. Com uma população de 1.600 mil habitantes a existência de grandes possibilidades demográfica de 11 hab. por km², isto é, igual à do Brasil, o que significa a existência de grandes possibilidades.

3 — Evolução Política

Apesar dos contrastes entre "costeños" e "españoles", a República não deixa de apresentar uma certa unidade nacional. Mas o grupo populacional mais importante é o da vertente ocidental onde se concentrou tôda a vida

política desde que o país se tornou independente. Oposição mais viva do que entre Oeste e Leste surgiu cedo entre os dois centros de *Leon* e de *Granada* que se tinham unido para conquistar a liberdade política. Leon, capital da província nos tempos coloniais, se tinha tornado o centro cultural do país e praça forte do liberalismo dos pequenos proprietários, dos funcionários e dos intelectuais das carreiras liberais. Granada, por sua vez, era o centro dos Conservadores, dos mercadores prósperos, dos latifundiários de tradições aristocráticas. “Quando os partidos políticos ocupam geograficamente áreas distintas, diz o professor Preston James, a situação torna os conflitos internos mais difíceis de evitar”. É o que se tem dado na oposição constante entre Leon e Granada, aspecto característico da história nicaragüense.

Deixando de lado o que de política representaram a exploração, a conquista e a colonização da América Central, (com a fundação das duas cidades de Leon e de Granada, em 1523, por Francisco Fernandes Córdoba), pode-se dizer que a história da Nicarágua só começou quando a região se libertou da *Federação das Províncias Unidas da América Central* em 1838. Um longo período de guerras civis deu raramente ao povo o ensejo de gozar da liberdade conquistada. Tanto mais difícil foi a vida política na primeira parte do século XIX quanto as intervenções estrangeiras mais contribuíram a dificultá-la.

Várias Constituições (1848, 54, 58 e 93) sucederam à Magna Carta que, em 1838, havia sido votada. Depois de uma fase de conflitos internos durante os quais um acôrdo foi finalmente obtido entre Leon e Granada com a fixação em Manágua da nova capital da República, estabeleceu-se uma política, um governo conservador. Nada menos de nove presidências se sucederam, regularmente, tôdas de quatro anos, depois do decênio de Tomas Martinez (1857-1867).

Quando o governo de Roberto Saca, representante da minoria conser-

vadora de Leon, entrou em conflito com os conservadores de Granada, a *cisão do partido*, em 1893, foi apresentada pelo partido liberal que conseguiu a eleição do general *Santos Zalaya*, de Manágua. Este ficou no governo durante dezesseis anos (1893-1909), abrindo estradas, cuidando de instrução pública, estimulando a produção de café, mas multiplicando monopólios e desrespeitando interesses de concessionários; emitiu muito papel-moeda desvalorizado e comprometeu a situação financeira do país. Seu governo foi autoritário e intolerante. Quando seguro de seu prestígio, depois da evacuação da “Reserva Mosquitia” pelos ingleses, Zalaya tentou reconstituir uma *união federal* da América Central na qual êle seria o líder; chegou mesmo a intervir nas repúblicas vizinhas e tornou-se suspeito ao México e aos Estados Unidos que, na *Conferência de 1907*, em Washington, criaram uma *Côrte de Justiça Central Americana* para a solução dos conflitos na região. Quando Zalaya tentou interessar o Japão na execução de um canal pela Nicarágua, caiu o seu crédito político no exterior e uma revolução “conservadora” promovida por Chamorro e Adolfo Diaz, “bem vista” em Washington, derrubou o ditador, que se retirou para o México (1909).

A restauração “Conservadora” que se deu, então, teve de enfrentar os credores estrangeiros com uma situação financeira alarmante. O governo apelou para os Estados Unidos que, enviando um *coletor de rendas* americano, iniciou a sua política de intervenção que durou vinte anos e foi chamada a “diplomacia do dólar” do imperialismo americano. Criticada na América Latina e também nos Estados Unidos, a presença de “marines” dos Estados Unidos, a atuação americana restaurou as finanças, protegeu os interesses estrangeiros nas emprêsas, restabeleceu ordem nas eleições, de acôrdo com as instruções de Washington e criou uma força armada, a “Guardia Nacional”, ao mesmo tempo policial e militar.

LUGAR ENTRE OS PRODUTORES MUNDIAIS	TONELADAS	
1.º BRASIL.....	1 140 000	} Café
19.º República Dominicana.....	27 000	
21.º Haiti.....	26 100	
24.º Pó rto Rico.....	15 000	

LUGAR ENTRE OS PRODUTOS MUNDIAIS	TONELADAS	
1.º BRASIL.....	19 843 000	} Mandioca
19.º Cuba.....	179 000	
20.º República Dominicana.....	148 0000	
24.º Guadalupe.....	12 000	

LUGAR ENTRE OS PRODUTORES MUNDIAIS	TONELADAS	
6.º BRASIL.....	500 000	} Amendoim
11.º República Dominicana.....	52 000	
12.º Cuba.....	18 000	

LUGAR ENTRE OS PRODUTORES MUNDIAIS	TONELADAS	
2.º BRASIL.....	5 330 000	} Banana
10.º República Dominicana.....	447 0000	
16.º Jamaica.....	263 000	
17.º Martinica.....	165 000	
19.º Pó rto Rico.....	115 000	

O LUXEMBURGO ATUAL

DELGADO DE CARVALHO

1 — Condições Geopolíticas

A parte inferior da bacia do Reno, isto é, o seu último trecho, depois da chamada “quebrada-heróica” em que vence e atravessa o *Maciço Xistoso Renano*, é a região da Europa que foi o maior teatro de conflitos armados. Foi nela que se enfrentaram duas civilizações — a civilização latina e a civilização germânica. Duas etnias, duas línguas, duas religiões e duas culturas resultaram da partilha do império de Carlos Magno, quando a política dos carolíngios criou, para Lotário, uma faixa intermediária, a *Lotaringia* (hoje Lorena). Foi a solução da época para conter o fluxo teutônico, mas foi também criar uma área de combate, principalmente na sua parte plana, a oeste do rio Mosa. Sua parte oriental é montanhosa, em planalto ondulado e profundamente sulcado de rios e riachos: é este o maciço das *Ardenas*. São extensas florestas, reputadas desde a época romana, dotadas de lendas, áreas de caçadas, mas militarmente perigosas, apesar do obstáculo natural que oferecem à sua livre passagem. As *Ardenas* constituem um relêvo dissimétrico, contra o qual a França procurou se proteger por uma série de cidades-fortes (Givet, Sedan, Longwy, Thionville). Em ambas as últimas guerras mundiais, as Ardenas foram também caminho de invasão alemã.

Na vertente sudoeste das Ardenas, em que correm para o Mosela os seus principais rios, encontra-se uma pequena monarquia das mais antigas da Europa: o grão-ducado de *Luxemburgo*. A superfície do país é de pouco mais de 2.580 km², isto é, cêrca de um terço do Distrito Federal de Brasília; sua população equivale, em número, à de Curitiba, é o resíduo demográfico de duas culturas; sua língua oficial é o francês, mas também foi oficializado o *luxemburguês* (1939) que é um dialeto germânico mosel-franco. A religião do grão-ducado é católica.

O Luxemburgo é um território da Europa Central que, fisiograficamente, é constituído de duas regiões: a parte norte, o *Osling* é ardenosa, ramo mon-

tanoso do *Eifel* alemão e cobre mais de um terço da superfície do país. Lá se encontram, nas camadas de xistos e quartxistos, os vales sinuosos e encaixados; as suas altitudes máximas pouco ultrapassam 500 metros. O rio *Sure* e o rio *Our* são tributários do *Mosela*. São terras de paisagens pitorescas, de florestas, mas clima severo, perfilando no horizonte castelos medievais, igrejas e abadias. É a parte menos povoada do país, onde lavradores proprietários cultivam batata e cereais e criam gado nas suas herdades.

A parte sul do Grão-ducado é o *Gutland*, isto é, a “Boa-Terra”, planalto pouco elevado também, no qual de sul para norte, correm o rio *Alzette* e o *Mosela*. Apresenta o aspecto da Lorena francesa, que parece continuar em extensão. As suas terras são de rochas mais brandas, argilas principalmente, que dão à paisagem o seu aspecto ondulado, onde se localizam cadeias em faixas alongadas. O rio Mosela, fronteira alemã, é grande via de circulação, cujas encostas calcárias se cobrem de videiras. De fato, o *Gutland* é terra de vales mais largos, de rios tranqüilos e sinuosos, de solo mais espesso. Neste ambiente sulista se apresentam as principais cidades do Grão-ducado, *Luxemburgo*, sua capital com seus 80 mil habitantes, *Esch-Alzette*, centro de importante distrito mineiro, *Differdange* e *Dudelange* no extremo sul.

A natureza predestinara o sítio de rochedo de *Bock*, na confluência do *Alzette* e do *Petrus*, a ser uma cidadela dominando a região. Os Francos lá criaram a fortaleza que denominaram *Lutzelburgo*, Carlos Martel doou o lugar aos monges da *Abadia de São Maximiano*. Siegfried, conde das Ardenas, deu à capital as suas muralhas de circunvalação, que, séculos mais tardes, Vauban completou tornando as suas fortificações uma das obras primas da arte militar da época. Hoje são passeios ajardinados em parque semicircular.

Em paisagens tranqüilas, matizadas de lembranças medievais, febris atividades industriais, tem, aos poucos, dado importância nova à pequena monarquia.

2 — Evolução Histórica

Formado no século X pelo Conde Siegfried, o condado de Luxemburgo viu crescer o seu prestígio quando um de seus soberanos se tornou imperador da Alemanha, sob o nome de Henrique VII (1308). Era um ambicioso, sem grande fortuna, que os eleitores escolhiam por oposição aos Habsburgo; sua política constituiu em conquistar a Itália onde acabou morrendo, mas a casa de Luxemburgo foi contemplada, ainda, três vezes pelos eleitores (Carlos IV, Wenceslau e Sigismundo). Por meio de matrimônio passou o então ducado à casa de Borgonha e, depois, para os Habsburgos, soberanos dos Países-Baixos. Em 1555, tornava-se *espanhol*, em 1714, *austriaco*. Verifica-se assim que o pequeno estado luxemburguês, pela importância de sua posição geográfica, focaliza, sucessivamente, todos os grandes episódios da história europeia, revesando-se as dinastias mais famosas no seu governo.

O interesse geográfico que apresentam estas diferentes fases históricas está nas modificações territoriais determinadas por acordos internacionais. De fato, o Luxemburgo atual representa as mil milhas quadradas (2.587 km²) que sobram do antigo ducado que, no século XV, ocupava um território cerca de três vezes maior do que o atual. Num mapa de 1648 figuram os limites modificados pelo tratado de Westfália, privando o país de Thionville, Montmédy e Marville.

Depois de ter sido indevidamente ocupado por Luiz XIV durante treze anos, em virtude de sua política de anexação e segurança, o Luxemburgo voltou às mãos da França revolucionária que fez dele um de seus departamentos (Dep. Forets). As constantes alterações de fronteiras e de soberania pareciam ter encontrado, finalmente, no Congresso de Viena, em 1815, um termo às mudanças e um período de paz que, efetivamente, durou um século, mas não sem incidentes, desta vez diplomáticos.

Começava assim a história contemporânea do Luxemburgo. As preocupações de legitimidade, de tradições e de precedentes, de acordo com as "conveniências" da Europa, ditaram uma solução complicada para o território luxemburguês. Em primeiro lugar, o ducado era, em Viena, elevado à categoria de grão-ducado. Em segundo lugar, o Luxemburgo era ligado à pessoa do rei dos Países-Baixos seu grão-duque; em terceiro lugar o grão-ducado ficava fazendo parte da re-

cém-formada *Confederação Germânica*. Quando, em 1839, os XXIV Artigos da *Conferência de Londres* fixaram definitivamente os limites da Bélgica, esta nova monarquia recebia a parte valona do Luxemburgo (Arlon) e a parte alemã ficava com o rei da Holanda que, por sua vez, recebia Maestricht e parte do Limburgo. Continuava, entretanto, o Luxemburgo a pertencer à casa de Nassau, cujo rei, no trono holandês, era então Guilherme I que abdicava em 1840.

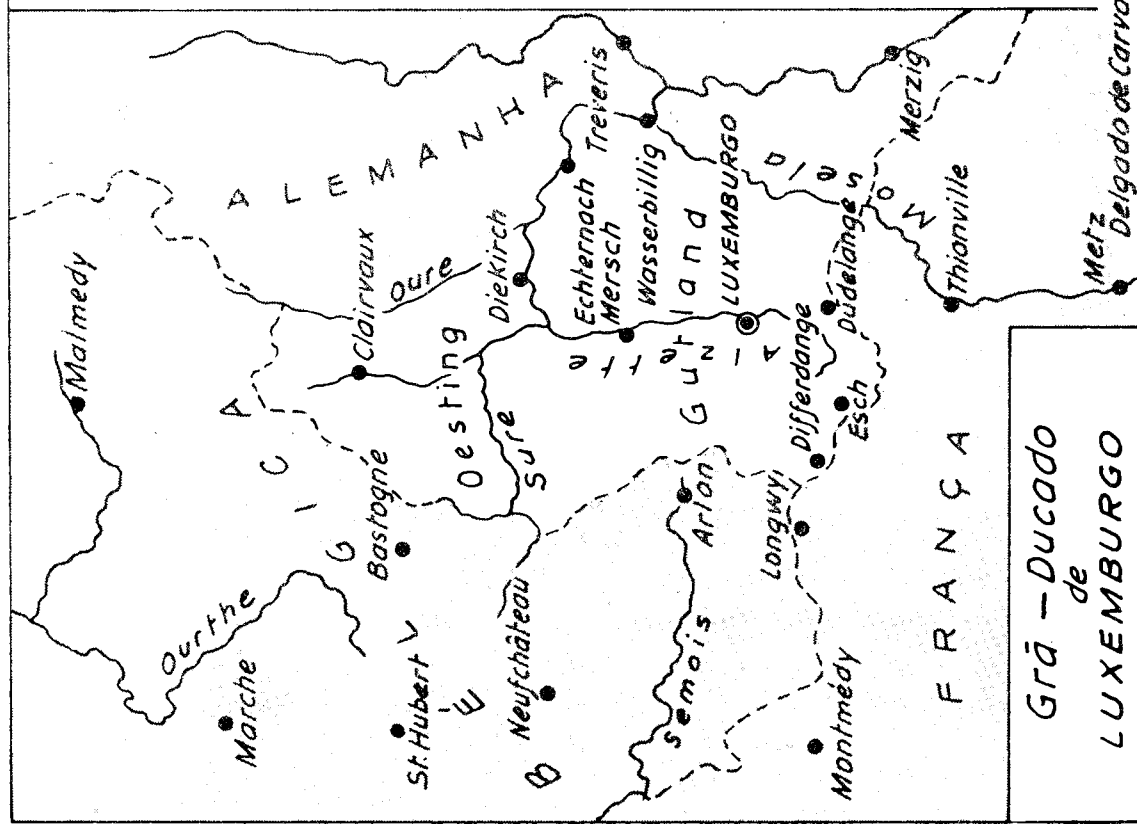
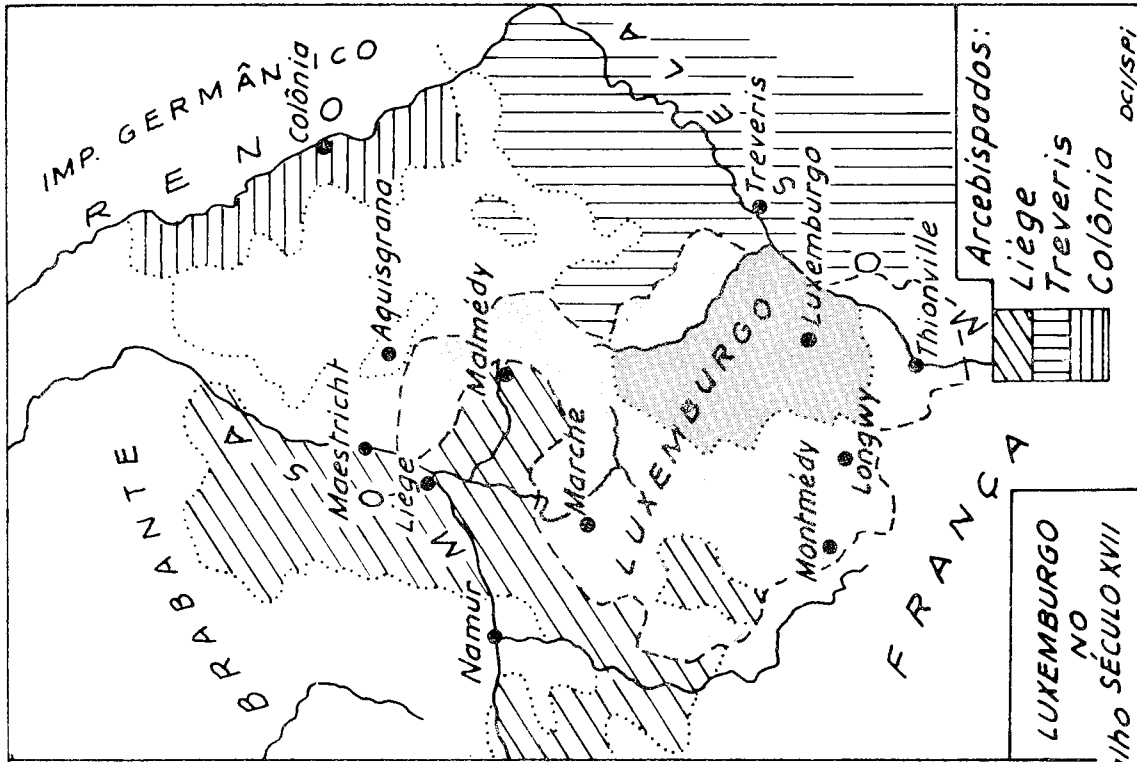
3 — O chamado "Affaire du Luxembourg"

Há exatamente um século, no tabuleiro de xadrez da Europa, o Luxemburgo teve um papel decisivo e contribuiu mesmo indiretamente à guerra franco-prussiana de 1870. As suas tendências culturais francesas pela língua, pela religião e pelas instituições, faziam do território, propriedade pessoal de um rei, o desejável prolongamento dos departamentos da Alsácia e Lorena do império francês.

A diplomacia de Napoleão III havia cochilado em 1866, deixando a Prússia liquidar, em Sadowa, a sua querela com a Áustria para a denominação da Alemanha, sem impor em tempo as condições de compensação exigidas pela França. Em face da Prússia vitoriosa na *Guerra das Sete Semanas*, era tarde para entabolar negociações a este respeito; mas o gabinete de Paris não hesitou em iniciar os ajustes secretos como era costume em diplomacia.

O Nassau no trono grão-ducal era então o rei holandês Guilherme III (1849-1890) que além de muitas dívidas e precisando de dinheiro, sofria muitas influências áulicas. Acima de tudo, desejava livrar-se de um grão-ducado, cujas fortalezas estavam ainda abusivamente ocupadas por tropas prussianas; o monarca temia que, contra ele, a Prússia agisse como tinha feito contra o rei Cristiano IX da Dinamarca na questão do Schlesvig-Holstein, dois anos antes.

Nestas condições, o rei Guilherme se prestou de boa vontade a satisfazer os desejos de Napoleão e, mediante compensação pecuniária, cedia o seu grão-ducado. Era, indispensável obter o assentimento da Prússia, nova dominadora da Alemanha. A questão do Luxemburgo, "l'Affaire du Luxembourg", foi, em consequência, debatida sigilosamente com Bismarck, primeiro ministro do rei da Prússia, Guilherme I. O astuto diplomata aceitou com sim-



patia as propostas francesas, chegou mesmo a encorajar o prosseguimento das negociações. Deixou os franceses acreditar que as camadas legislativas de Berlim não criariam dificuldades.

A atitude de Bismarck era apenas uma hábil dissimulação porque a preeminência prussiana na *Alemanha do Norte* era impopular na *Alemanha do Sul*. Para completar a sua obra de unificação da Alemanha sob a égide da Prússia, era tida como necessária uma guerra vitoriosa contra o império francês e para semelhante empreendimento militar era indispensável a adesão das *monarquias sulistas*, *Baviera* e outras. Precisava, pois, Bismarck tornar Napoleão suspeito e adversário da unidade alemã. Para desacreditar a França obteve, no Reichstag, uma interpelação que o obrigava a repelir as propostas francesas o que determinou uma onda de indignação na imprensa alemã. Criava-se, assim, uma causa contra o "inimigo hereditário".

A questão do Luxemburgo terminou com o tratado assinado em Londres (II de maio de 1867) que estipulava a evacuação das fortalezas luxemburguesas pelas forças alemãs, o derriboamento das fortificações e o reconhecimento da *neutralidade* do grão-ducado. A ironia da História quiz que esta proposta fôsse apresentada pela Prússia!

Quando terminou o ramo agnático da dinastia reinante dos Países Baixos, a rainha Wilhelmine sucedeu ao pai, mas no Luxemburgo foi chamado o *duque de Nassau Adolfo*, do ramo dos Nassau. Em 1907 foi reformado o estatuto familiar abolindo a lei Sállica no grão-ducado e *Maria Adelaide* tornou-se grã-duquesa em 1912. Depois da invasão alemã durante a guerra mundial, esta soberana abdicou e retirou-se para um convento na Itália, sucedendo-lhe a sua irmã, a grã-duquesa *Carlota* que, por sua vez, também abdicou em 1964 em favor de seu filho, o atual grão-duque João.

O dispositivo de "perpétua neutralidade" da *Constituição de 1868* foi abolido na revisão constitucional de 1948. O regime luxemburguês atual está em harmonia com as cartas políticas, as mais liberais, mas atribui ao monarca uma efetiva intervenção nos três poderes fundamentais, que o grão-duque, aliás, partilha com uma *Câmara de Deputados* e com um Conselho vitalício de sua nomeação.

4 — Industrialização

A situação geográfica dos três países que ocupam a parte inferior da

bacia renana, dotando-os de analogias topográficas e climáticas, ligou estreitamente a *Bélgica*, o *Luxemburgo* e a *Holanda*, e, na época contemporânea oferece-lhe também destinos econômicos idênticos. São todos os três, tributários dos grandes portos de *Antuérpia* e de *Roterdam*, são todos países agrícolas e industriais que, depois da Primeira Guerra Mundial atinaram com a necessidade de estabelecer uma *vida econômica comum*. O que os caracteriza no ambiente europeu em que trabalham e o *equilíbrio* que apresentam os seus fatores de produção: além de complementares são suplementares para a intensificação de suas contribuições.

Muito antes da *Revolução Industrial* do século passado, a Bélgica tinha encontrado a sua vocação industrial. Em *Liège* e *Namur* desde o século X era trabalhado o ferro extraído das jazidas das *Ardenas*. O cobre e o zinco eram cinzelados em obras de arte exportadas para a *Inglaterra* e a *Alemanha*. Os próprios príncipes de Ligne e de Arenberg, proprietários de minas, não desprezavam os lucros de seus capitais nelas empregado.

O *Bloqueio Continental* de Napoleão, excluindo dos mercados continentais as mercadorias inglesas, deu forte impulso à metalurgia. Neste setor destacou-se o irlandês *John Cockerill* que, além de instalar fiação mecânica, estabeleceu em *Seraing*, perto de Liège o primeiro estaleiro de construção mecânica e o primeiro alto-forno alimentado a carvão. De 1823 em diante os progressos da metalurgia foram constantes e o Luxemburgo, devido às duas *jazidas de ferro*, foi cedo envolvido no grande movimento econômico. Deixava a metalurgia de depender, à partir de 1860, da lenha das ricas florestas das *Ardenas*, com a exploração das *minas de carvão* das bacias de *Mons Charleroi*, *Liège* e mais recentemente de *Campine*, dispondo, por outro lado, da contribuição do *Sarre*, mais vizinho do Luxemburgo.

Os três países do baixo-Reno passaram, assim, por tôdas as etapas de industrialização, desde a *revolução comercial*, no fim da Idade Média, pela *revolução industrial*, no fim do século XVIII e do século XIX e pela *revolução neo-Técnica* da eletricidade e eletrônica. Daí resultara, forçosamente, muitas alterações regionais e uma maior ligação com o *capitalismo-internacional* com os investimentos americanos principalmente desenvolvidos com o plano Marshall. No Luxemburgo, região essencialmente florestal e agropecuária, o

número de *estrangeiros emigrados*, italianos, sobretudo, não cessa de crescer, chegando a constituir um sexto da população do país. Por sua vez, a siderurgia já ocupa 48% da população ativa e 4/5 da população industrial. (F. Gay e P. Wagret).

5 — O Benelux e o C.E.C.A.

Não haviam sido motivos econômicos que tinham separado em dois Estados os *Países-Baixos* e a *Bélgica* em 1830. Por isso, sentiram ambos, no decorrer do século, a necessidade de chegar a uma união econômica. Uma primeira tentativa, em 1878, foi mal vista pelo Império alemão pois temia nela vêr envolvida a França. Depois da Primeira Guerra Mundial o acôrdo negociado entre a *Bélgica* e o Luxemburgo teve que ser dissolvido, em 1840, por ordem alemã. Finalmente em Londres, em 1944, puderam os governos em exílio combinar o plano definitivo, no qual o ministro belga, *Spaak*, teve papel decisivo.

A 1.º de janeiro de 1948 foi assinada a *Convenção de Benelux* (Bélgica-Holanda-Luxemburgo) que vizava a realização progressiva do seguinte plano;

a) Uma *Comunidade Tarifária* a estabelecer nos países fora da união, com supressão dos direitos alfandegários entre os três países-membros. b) libertação progressiva por supressão das *restrições quantitativas*. c) *política de igualação das taxas fiscais*, visando, assim, igualar as condições econômicas entre os países membros. d) livre transferência de capitais. Eram todos dispositivos de certa flexibilidade na aplicação e não necessitavam de órgão supranacional, havendo apenas um *Conselho Consultivo*, uma *Comissão de Ministros* e um *Secretário Geral*.

Como era previsto, não deixaram de surgir algumas dificuldades, principalmente a respeito dos contingenciamientos no comércio inter-benelux, mas os conflitos foram menos numerosos do que as adaptações e os sucessos. A união dos três países tem revelado as reais vantagens das trocas de *elementos complementares*: o trigo sobressalente da *Bélgica* suprindo a *Holanda*,

o *gado* holandês abastecendo de produtos diários a *Bélgica* e o *aço* luxemburguês e belga alimentando a siderurgia dos *Países-Baixos*.

O Luxemburgo, que precisa vender cerca de 90% de sua produção, sofre o encarecimento de sua exportação por ter que utilizar transportes *rodoviários*; a *navegação do Mosela* será um fator de progresso quando estiver pronto o *pôrto fluvial* de *Wasserbillig*.

A siderurgia luxemburguesa está nas mãos de três sociedades a *Hadir* (*Differdange*, ultra-moderna), da *Société Métallurgique de Rondange* e a *Arbed*, a mais importante.

Seguindo o exemplo de Benelux, o governo francês dirigido por *Robert Schuman*, planejou submeter toda a produção de carvão e de aço franco-alemão a um regime determinado por uma *Alta Autoridade Comum* deixando aberta a admissão de outros membros: a *Alemanha*, a *Itália*, o *Benelux* entraram no pacto assinado em *Paris*, em 1951. A sede da autoridade foi fixada na cidade de Luxemburgo.

Esta *Comunidade Européia do Carvão e do Aço* (C.E.C.A.) era um primeiro passo para uma federação européia, já há muitos anos desejada por eminentes estadistas para a preservação da paz. A comunidade dos mercados de dois produtos, carvão e aço, que representam a própria base de toda a vida econômica das nações modernas, foi evidentemente o golpe mais acertado na consecução de uma federação, pois amarrava os interesses regionais a uma *Alta Autoridade supra-nacional*, financeiramente independente dos respectivos governos. O *Conselho de Ministros* dos países membros e um *Conselho Consultivo* são, com a *Alta Autoridade* os órgãos da C.E.C.A.

A orientação dada ao pensamento econômico europeu pelo Benelux e a C.E.C.A. não deixou de operar outras convenções à idéia da paz. O que, no momento, parece se prestar a maiores discussões é o *Mercado Comum Europeu* nascido a 1.º de janeiro de 1958 e que nestes seus 10 anos de existência, tem resistido a muitas solicitações. Dêle foi tratado no Caderno n.º 1 dêste *Atlas de Relações Internacionais* (*Revista Brasileira de Geografia* — XXIX, n.º 1).

A GUINÉ E A ÁFRICA OCIDENTAL

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspecto Geofísico

A África Ocidental, é, geograficamente, a parte do continente que se estende, em longitude, do *cabo Verde ao lago Tchad*, e, em latitude, do *Saara, ao golfo de Guiné*. Constituiu, até bem pouco tempo, o maior quinhão africano das possessões francesas. De fato, são cerca de dois milhões e meio de quilômetros quadrados, interrompidos, na orla costeira, pela *Libéria* e pelas *colônias britânicas e portuguesas*, mas, em compensação, ligadas pelo interior, que une o *Senegal*, a *Guiné*, a *Costa de Marfim*, o *Togo* e o *Daomé*. Atualmente a situação é outra, pois a Guiné é país independente que, há dez anos exatamente, desligou-se da *Comunidade Francesa* procurando ajustar a sua vida econômica à liberdade adquirida.

Os Estados do golfo de Guiné apresentam analogias topográficas em três faixas sucessivas: *costas baixas*, arenosas em grande parte, com cordões litorâneos fechando lagoas, do cabo das Palmas ao delta do Níger; o litoral da Serra Leoa, da Guiné e da Guiné portuguesa é recortado de *rias* pouco profundas que vão se entulhando de lodo e de mangues, mas, em certos pontos, como no *Cabo da Verga*, em *Conakry* e nas *ilhas Los*, surgem rochas eruptivas que constituem bons refúgios com águas mais fundas. Além desta faixa litorânea de 200 a 400 quilômetros de largura, abre-se uma vasta zona de planaltos de arenito, onde distritos montanhosos alcançam mil e quinhentos metros. São blocos de granito que formam o nó orográfico da região; o *Fouta Djallon*, o *Loma* e o *Nimba*. É um relevo paralelo ao litoral e relativamente perto do mar que, por isso, recebe chuvas abundantes. Do lado do Atlântico os maciços se quebram em terraços sucessivos, deixando descer as águas em vales profundos, com algumas quedas. Para o norte distribuem-se, em leque, vários rios, entre os quais se destacam o *Gâmbia*, o *Senegal* e o *Níger*, que descreve a sua grande curva, penetrando no Macina, onde seus braços formam as ilhas e os lagos da região subdesértica. Esta é a terceira faixa pré-saariana, quente e seca, com fortes oscilações térmicas.

O *clima* da costa da Guiné é monçonal e recebe chuvas de abril a novembro; seu ar é saturado de umidade e seu céu sempre enevoado; isto é um perigo para a navegação costeira, por isso chamado pelos marujos franceses o "pot au noir". As oscilações térmicas são fraquíssimas. Daí resulta um clima de péssima reputação entre os europeus.

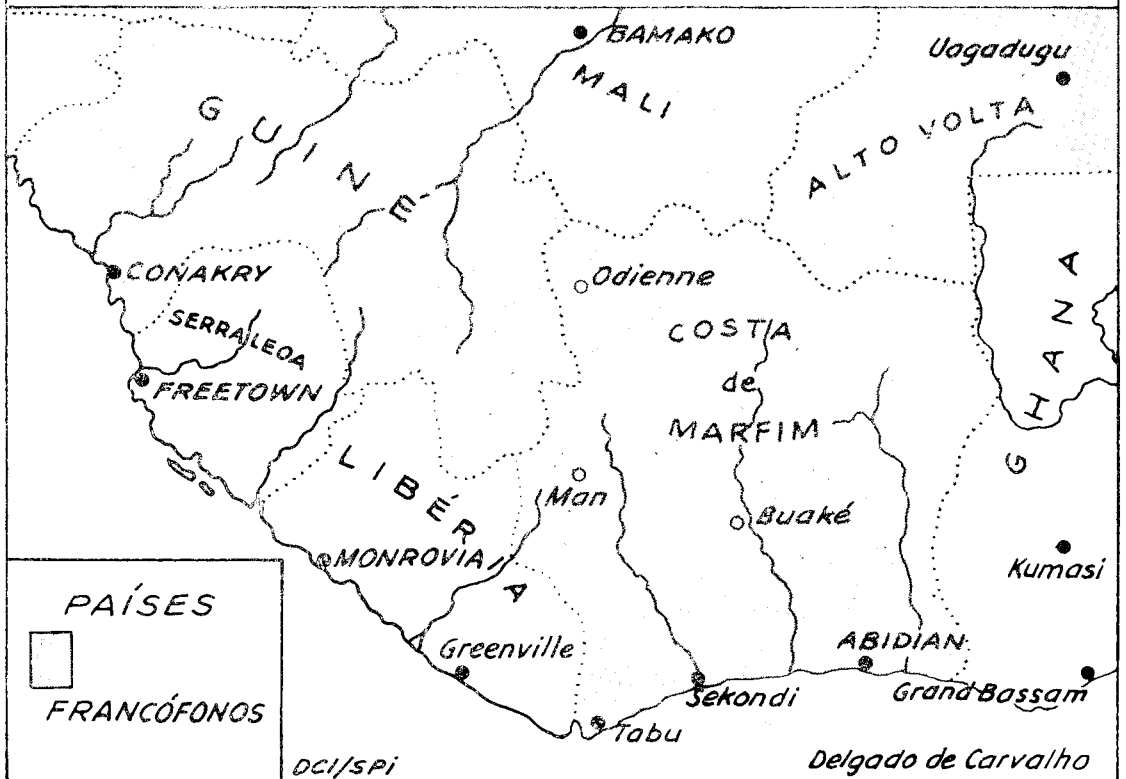
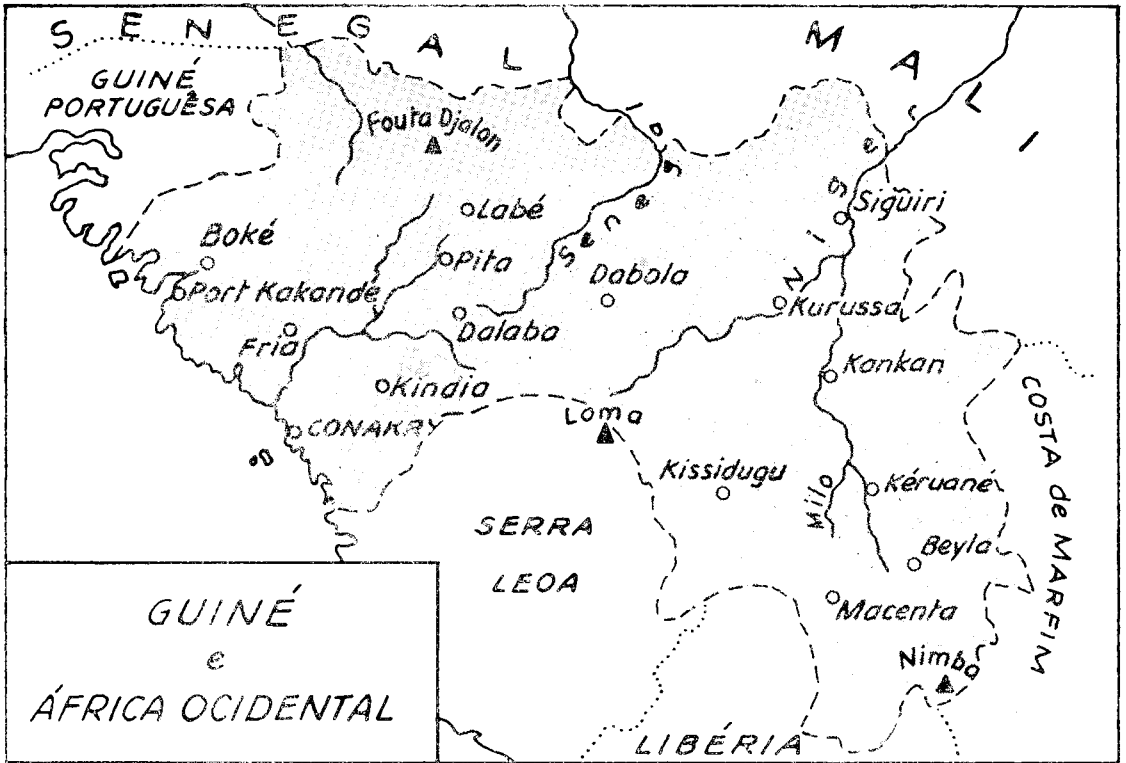
A *vegetação* também se reparte em três zonas: uma faixa compacta paralela ao litoral é formada pela densa *mata equatorial*, onde se encontram as árvores de *cola*, de *copal* e *palmeiras de óleo*. A faixa interior é dos grandes herbais da *savana tropical*, que domina o *baïobab* e o *karité*. A terceira zona é a *caatinga*, rica em espinheiros.

2 — O Estágio Colonial

Apezar de pouco acolhedoras, as costas da Guiné, da Serra Leoa e da Gâmbia seus rios recortados ofereciam esconderijos aos barcos dos escravagistas, para escaparem às patrulhas navais da Inglaterra. Assim foram ancoradouros de refúgio aproveitados, mais tarde, para a fundação de cidades como *Gorée*, *Bathurst*, *Freetown* e *Conakry*. Eram paragens freqüentadas também por navegantes franceses de Dieppe, de Nantes e de Bordéus, que deixaram vestígios de fortins, capelas e feitorias, como os portugueses do tempo de D. João II, abandonaram o forte de São Jorge da Mina.

As primeiras feitorias francesas da região chamada *Rios do Sul* (*Rivières du Sud*) foram ligadas à colônia do Senegal (1837-47). Em 1880 foi obtido, dos chefes indígenas, o protetorado do Fouta-Djalon, onde, em 1890, foi fundada Conakry. Estando instalados os ingleses na Gâmbia e na Serra Leoa, receiavam os franceses que a Inglaterra ligasse essas suas duas colônias pelo *hinterland* e viesse assim a isolar a Guiné francesa, por isso tratou a França de ocupar o interior, isto é, o Alto Níger. Em 1895 a Guiné foi incluída na A.O.F. (África Ocidental Francesa).

Durante pouco mais de um século a Guiné foi, por conseguinte, subme-



tida ao aprendizado colonial francês. O objetivo deste estágio era essencialmente econômico; consistia em incentivar a produção exportável, sob a forma de *culturas especializadas* ou de *matérias primas*, cujo intercâmbio, no mundo ou na metrópole, produzisse *dinheiro*. Este sistema colonial francês acarretava quatro importantes consequências. Em primeiro lugar, ligava a colônia a *uma determinada cultura* ou a alguns poucos produtos de fácil colocação no exterior, mas à custa de uma mais ampla produção de subsistência local. Em segundo lugar, levava à construção de um sistema de transportes de estradas, vias férreas, portos e vias fluviais destinadas, quase exclusivamente, ao *escoamento rápido e barato da produção* exportável. Em terceiro lugar, era uma política que colocava a produção exportável à mercê dos *preços flutuantes do mercado internacional*, sujeitando, assim, a colônia a crises que, no mundo moderno vão se repetindo em certa frequência. Em quarto lugar, por fim, este estágio colonial constituía, em última análise, *uma exploração de mão-de-obra indígena*, sujeita a culturas sasonárias, a trabalho migratório, a instabilidade social.

Nas últimas décadas do colonialismo francês, porém, operou-se uma progressiva transformação deste estágio colonial, com iniciativas de diversificação dos esforços de produção, com a multiplicação de pequenas indústrias locais, com melhoramentos nos transportes e comunicações regionais e, por fim, com um maior desenvolvimento das condições de vida dos indígenas. Esta nova orientação parece ter demorado e chegou muito tarde, na Guiné principalmente. (Carrol Quigley — “French Tropical Africa” — 1961).

3 — O Referendum de 1958

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, a França voltou a ser “república” (de “Estado” que era no governo de Pétain) e na sua Constituição de 1946 criou a *União Francesa*, sendo metrópole de possessões chamadas departamentos de ultramar, territórios, Estados Associados e Mandatos. O decênio da *Quarta República*, não conseguindo resolver a questão colonial, o movimento político de 1958 instaurou a *Quinta República* sob a autoridade do General De Gaulle. Foi então substituída a União pela *Comunidade Francesa*, na qual os territórios que nela quizessem entrar constituiriam repúblicas. Foi, de fato, o que se deu quando, no re-

ferendum de 1958 (28 de setembro), os territórios aceitaram a solução, mas a Guiné recusou e saiu da Comunidade votando — “Não”.

A decisão inesperada, assim tomada pela nova República, refletiu a influência e o prestígio de um político guineano *Sékou-Touré*, descendente de Samory Touré, um dos heróis da resistência à colonização, no fim do século passado. Secretário de vários partidos políticos (R.D.A. e P.D.G.), tinha sido deputado da Guiné, prefeito de Conakry e, apesar de seu marxismo, membro da comunidade islâmica. A sua campanha para a rejeição da proposta de De Gaulle era motivada pela sua desconfiança da *Comunidade*, pelas suas tendências político-sociais e pelas tradições de sua família. Em outubro do mesmo ano foi eleito presidente da *República da Guiné*.

Não há dúvida que os acontecimentos na *África Ocidental* ex-francesa, em 1963, pareceram-lhe dar razão: a demissão de Mamadou-Dia, no Senegal, o assassinato de Silvano Olimpio em Togo, a queda de Youlou, no Congo, e de Hubert Maga no Daomé, justificavam o “Não” respondido à França de De Gaulle. Mas, em realidade, Touré tinha jogado uma cartada em 1958. Ele, entretanto, se achava mais seguro na sua posição do que os colegas, sacrificados em 1963, porque ele tinha mais forças a seu favor. De fato, contava com o apoio do *Partido Democrático da Guiné*, do qual havia sido secretário, e que representa a mais poderosa força política da África Ocidental.

Havia, porém, um fator moral na política de Touré, que assegurava-lhe vitória na sua atuação depois de 1958. Esta ação não era baseada em questões partidárias de *direita* ou de *esquerda*, segundo o método político do Ocidente, mas sobre a realidade guineana: o *conceito social de tribo*, a idéia tribal. Filho da tribo *Malinke*, que conta cerca de 880.000 membros, ele soube, muito cedo, se conciliar à boa vontade e à cooperação das tribos *Fula*, isto é, de um milhão de guineanos, chamando os seus líderes para ajudá-lo em posições elevadas, rendendo homenagem ao herói-mártir fula Alpha Yaya e adotando o seu canto folclórico como hino nacional da Nova República.

4 — Vida Econômica

A vida econômica da colônia da Guiné, estava até a Segunda República Francesa, baseada no tráfico e quando, em 1848, foi abolida a escri-

vatura, a "prosperidade" da região sofreu um golpe sério. Começaram, então, as *culturas de amendoim*, que também sofreram uma queda de preços muito considerável, compensada de 1890 a 1900 por um rápido desenvolvimento da *borracha*. A cobiça de lucros imediatos, porém, levava os indígenas e seus patrões a cortar os *cipós*, em vez de incisá-los, o que cedo os levou quase à ruína, quando regras de extração e vigilância foram estabelecidas. Passaram a ser feitas tentativas mais felizes de várias culturas: arroz, nos deltas, banana, cacau, cola e café; a criação de gado bovino na região do Fouta-Djalón deu igualmente bons resultados.

O estágio colonial era, como foi dito, pouco animador e lembrava o mercantilismo do século XVII, mas não era exclusivista. De fato, no princípio do presente século, a Guiné mantinha menor comércio com a sua metrópole do que o estrangeiro: Liverpool, Antuérpia e Hamburgo eram seus principais compradores. Nem assim abolia a França suas taxas sobre produtos coloniais.

Quanto ao sistema ferroviário, o domínio francês havia dotado a Guiné de estradas de ferro de Conakry a Kurusa e a Kankan (1910-1914) e de algumas rodovias complementares.

Depois da Segunda Guerra Mundial, mudou consideravelmente a economia da Guiné, abrindo-se um futuro promissor, que talvez tenha influído na visão otimista de Sékou Touré, de uma independência completa. Tanto na Guiné quanto na Costa de Marfim a liberdade de circulação nas áreas coloniais permitiram a libaneses de lá irem cultivar frutas tropicais, cuja exportação crescente veio a diminuir quando, depois de 1958, os técnicos da defesa agrícola se retiraram e as pragas voltaram.

Um primeiro *Plano de Desenvolvimento Econômico* de três anos foi substituído, em 1964, por um *Plano de Sete Anos* que cogita de criação de indústrias. Desde 1935 tem sido explorado, em areias aluviais, o *diamante*, que existe na região interior de Macenta e Keruané. A empresa primitiva foi socializada sendo a supervisão entregue aos russos e, mais tarde, aos belgas.

Depósitos de *magnetita*, vizinhos de Conakry alimentam uma promissora exportação; as maiores jazidas, porém, são muito afastadas, na zona dos montes Nimba, distribuídas entre a Libéria, a Guiné e a Costa de Marfim.

Mas a grande fonte de riqueza da Guiné atual (e futura) é a colossal

reserva de *bauxita*, a maior do mundo, localizada nas *ilhas de Los*, em Boké, em Kindia, em toda a *região do Fouta-Djalón*. É uma exploração socializada sob organização húngara; mas concessões foram dadas a firmas americanas, alemãs e francesas, que convertem o produto em alumínio, em *Fria*, ligada por ferrovia a Conakry. O porto de *Kakandé* serve à exportação do produto de Boké. Por enquanto a Guiné ainda é o terceiro ou quarto produtor mundial de bauxita, depois da Jamaica, da Rússia, da França, mas os progressos de 1956 para cá tem sido constantes.

A vida econômica da Guiné independentemente se acha estreitamente ligada a suas relações políticas internacionais e seu desenvolvimento depende, em grande parte, de seu *não-alinhamento* nas questões mundiais da atualidade.

5 — Relações Internacionais

A atitude do governo francês ao receber a decisiva negação do povo da Guiné, precipitou a ruptura de todos os contactos com sua ex-colônia da África Ocidental. Retirou de lá, dos *serviços públicos*, seus funcionários, seus *técnicos*, deixando aos guineanos o cuidado de manter a máquina estatal e privada em movimento normal. Ao Presidente Eisenhower, que pretendia acudir, De Gaulle preveniu que sairia por isso da OTAN. Não era este resultado que Touré visava, pois propunha a criação de uma situação intermediária de *Estado Associado* que Paries recusou.

A resposta de Touré talvez fôsse inesperada, mas havia contra êle uma certa prevenção; a sua atuação constante na oposição, suas tendências marxistas e seu desejo de maior aproximação das nações soviéticas eram circunstâncias conhecidas. De fato, muito cedo foram as *forças armadas* da Guiné equipadas com material russo e, sob o ponto de vista econômico, foi a União Soviética que enviou os primeiros auxílios. O indispensável auxílio russo era interessado mas cordial: não se tratava de *ideologia* mas do fornecimento de *material* e a Rússia não se revelou em condições de suprir de modo satisfatório um país tropical. Tratava-se de mandar máquinas, veículos, alimentos; a crítica irônica falou em dois limpa-neves que também teriam sido enviados. O insucesso da contribuição russa se explica pelo fato de a Guiné estar acostumada a receber da França material de rotina mais adaptado a suas neces-

sidades e também de melhor qualidade, além de mais barato. Diz, a este propósito, um inglês correspondente do *The World Today*, que, por certos aparelhos, os preços cobrados teriam envergonhado um colonialista impenitente.

Em consequência, a partir de 1961, o Ocidente deixou de ficar alheio à sorte da Guiné. A visita que Touré havia feito aos Estados Unidos em 1959, só pôde ser atendida no tempo do Presidente *Kennedy*. Recomeçaram a ser feitas concessões a firmas americanas, alemães e mesmo francesas. A *República Chinesa* montou fábricas de fósforos, de cigarros e uma hidroelétrica (Labé-Pita-Dalaba); a *Iugoslávia* duplicou a estação hidroelétrica de *Grandes-Chutes*, represa do rio Konkur, iniciada nos tempos coloniais; a *Inglaterra* abriu uma fábrica de tecidos em Conakry, que supre 70% do consumo do país. A esta iniciativa de países estrangeiros não fica alheia a *presença francesa* que continua a prevalecer inabalada em todos os domínios da cultura.

Seria inexato considerar Sekou-Touré como politicamente ligado à União Soviética; o caso da chamada "Traição dos Professores" desmentiria isso. O "complot" teria se dado em novembro de 1961, em Labé cidade *fula* que, em 1958 tinha votado "Sim". O sindicato dos professores distribuiu um manifesto com queixas, reivindicações e acusações; distúrbios estudantis revelaram que alguns estudantes tinham ligações com a embaixada russa. O governo não hesitou em julgar e condenar os professores e em expulsar *Daniel Solod* o embaixador russo em Conakry. Pouco depois, em outubro de 1962, Touré recusou atender ao pedido de Moscou de utilizar o *aeroporto de Conakry* (construído aliás pelos russos) para o trânsito para *Cuba*. Em 1962

num congresso do *Partido* (P.D.G.) o presidente referiu-se à necessidade de capital estrangeiro, mas "esqueceu" de lembrar o auxílio soviético.

Sekou Touré é um espírito africano essencialmente independente, contrário a qualquer "europeização", pois acredita que o *colonialismo* deformou a personalidade do africano; acredita que existe uma *nação africana* e, quando se refere ao Congo, diz: "a parte congolêsa do continente africano". Por isso dá-se bem com seus vizinhos, o *Senegal de Senghor* e a *Costa de Marfim de Houphouët-Boigny*. Um dos episódios mais significativos desta aspiração de um *pan-africanismo* que, na África Ocidental, ultrapassa mesmo os limites dos países francófonos, foi a tentativa feita por Touré e *Nkrumah*, Presidente de *Ghana*, em 1958. Formaram, nesta data, com os seus dois países, um núcleo destinado a constituir o primeiro elo da *união* dos Estados da África Ocidental; adotariam a mesma bandeira, harmonizariam as suas respectivas políticas exterior e financeira, elaborariam uma constituição que não afetasse às relações de *Ghana* com a *Comunidade Britânica*. Sendo *Ghana* a mais rica das duas repúblicas daria dez milhões de libras para estabilizar a economia guineana e lhe prestaria assistência administrativa e técnica. Em 1960 Touré visitou *Accra* e lá tratou da projetada união monetária. A diplomacia das Nações africanas estava entao em grande atividade e a *união Guiné-Ghana* ficou mais na teoria e pouco na prática. Quando *Nkrumah* caiu em *Ghana* foi cordialmente acolhido por Touré em Conakry e tratado como Presidente honorário da Guiné. Este simples episódio, sem consequências imediatas, revela, entretanto, que se acha em andamento o penoso trabalho histórico da unificação africana.